

Originais recebidos em 16/06/2021. Aceito para publicação em 10/08/2021.

Avaliado pelo sistema *double blind peer review*. Publicado conforme normas da ABNT.

Open access free available online.

DOI: <https://doi.org/10.35700/2359-0599.2022.16.3227>

Sobre a tessitura de uma rede poético-política camponesa: a experiência da “IV Mostra Terra em Cena & na Tela”

Kelci Anne Pereira - <https://orcid.org/0000-0002-2522-82851>

Ozaias Antonio Batista - <https://orcid.org/0000-0003-1351-97282>

RESUMO

A expressão estético-política é uma arma da qual os povos do campo podem se valer na defesa de seus territórios. A “IV Mostra Terra em Cena & na Tela” foi um espaço de testemunho dessa possibilidade. Pensada como um processo de confluência da produção artística de grupos ligados à Rede Terra em Cena, essa Mostra objetivou promover o intercâmbio e a formação dos mesmos, realçando o papel da cultura, particularmente do teatro político e do vídeo popular, na construção de suas lutas contra hegemônicas por uma reforma agrária construída popularmente. A realização da IV Mostra na fronteira agrícola do agronegócio no Piauí, na região nordeste, sinalizou o compromisso dos coletivos artísticos em analisar e representar o campo desde a perspectiva da reprodução ampliada da vida, assim como pautou a experiência cultural como via de desopressão camponesa, por meio da dialética formas-conteúdo-modo de produção. O presente trabalho descreve e analisa esses processos que caracterizaram a “IV Mostra Terra em Cena & na Tela” enquanto a tessitura de uma rede poético-política camponesa, contextualizando a arte como fator de desenvolvimento humano e social, recuperando o legado histórico do teatro político brasileiro até chegar ao trabalho de informação, formação e organização dos coletivos de cultura que compõem o programa de pesquisa e extensão Terra em Cena e Cenas Camponesas. Esses coletivos de cultura também fomentaram as atividades realizadas na IV Mostra, contribuindo, assim, com o fortalecimento da territorialização camponesa, seja na universidade, na luta social ou nas dimensões intersubjetivas.

Palavras-chave: produção teatral e audiovisual popular; arte, política e educação do campo; IV mostra terra em cena & na tela.

¹ Doutora em Educação, Professora da Universidade Federal do Piauí. E-mail: kelcipereira@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais, Professor da Universidade Federal do Piauí. E-mail: ozaias_antonio@hotmail.com

The cultural interweaving of a peasant poetic-political network: the experience of the fourth “Land on Stage and Screen Exhibition”

ABSTRACT

The aesthetic-political expression is a way that the peoples of the field can use to avail themselves of the defense of their own territories. The fourth “Land on Stage and Screen Exhibition” was a space to demonstrate this possibility. As the Exhibition is considered a process of confluence of the artistic production of groups linked to the Earth on Stage network, it aimed at the formation and exchanges among them, highlighting the role of culture, especially of the political theater and of the popular video, in the construction of their counter-hegemonic struggles for a popularly constructed agrarian reform. The execution of the fourth Exhibition in the agricultural frontier of agribusiness in Piauí signaled the commitment of an art collective to analyze and represent the field, from the perspective of the expanded reproduction of life to the cultural experience, as a fundamental route to reduce oppression by means of a dialectical form-content-mode of production in peasant artistic systems. Therefore, the present work describes and analyzes the processes that characterized the fourth “Land on Stage and Screen Exhibition” as the cultural interweaving of a peasant poetic-political network, contextualizing art as a factor of human and social development, recovering the historical legacy of Brazilian political theater until reaching the work of information, formation and organization of the culture collectives that make up the “Land on Stage” research and extension program. These culture collectives also fostered the activities carried out in the fourth Exhibition, thus contributing to the strengthening of peasant territorialization at universities, as well as in the field of social struggle and in intersubjective dimensions.

Keywords: popular theatrical and audiovisual production; art, politics and education of the field; fourth land on stage and on screen exhibition.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão intitulado Cenas Camponesas, elaborado em 2017 como parte das atividades da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Professora Cinobelina Elvas (CPCE), propõe-se a socializar os meios de produção teatrais com os povos e comunidades do campo localizados no sul do Piauí. A inspiração do projeto decorreu de nossa experiência progressa junto ao Programa Terra em Cena, da Universidade de Brasília (UnB), por meio

do qual mantivemos um trabalho cooperativo e de apoio mútuo para a criação e desenvolvimento do projeto de extensão Cenas Camponesas no Piauí.

A partir dessa parceria entre a LEdoC-UFPI/CPCE e a UnB, decidimos realizar em solo piauiense a “IV Mostra Terra em Cena & na Tela”, no ano de 2019, dando sequência aos eventos que o Programa Terra em Cena realizava no Distrito Federal (DF) até aquele momento. Na ocasião da IV Mostra, tivemos a chance de aprofundar nossos vínculos e relações com diversos sujeitos que compõem a Rede Terra em Cena³, com outros grupos culturais e com pesquisadores/as que atuam na interface arte-política no âmbito da questão camponesa: o elenco da Escola de Teatro Político do DF, a brigada de cultura do Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) do Piauí, o grupo de jovens da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Piauí, o Coletivo de Cinema em Ceilândia (Ceicine)⁴ do DF, o grupo produtor de cinema do polo de Sussuapara – Piauí e a banda Caju Pinga Fogo, do Piauí.

Diante desse cenário, objetivamos refletir sobre as experiências vividas na “IV Mostra Terra em Cena & na Tela”, destacando os processos formativos fomentados no evento, as convergências político-artísticas produzidas e os nós estabelecidos de uma rede plural e em construção: a Rede Terra em Cena. Também pontuamos as ressonâncias desta Mostra na LEdoC-UFPI/CPCE, no município de Bom Jesus/PI - local onde foi realizado o evento - e, de forma abrangente, em toda a fronteira agrícola da região sul do estado piauiense.

Assim, as reflexões provocadas a partir das vivências tidas na IV Mostra serão perpassadas pela relação epistêmica entre arte, política e educação do campo, visando ao fortalecimento do debate que articula arte-política-campesinato em perspectiva histórica. Neste artigo, também apontaremos as lições aprendidas através dos vínculos estabelecidos com a Rede Terra em Cena e os impactos da extensão para a formação de licenciandos em educação do campo.

2 METODOLOGIA

A “IV Mostra Terra em Cena & na Tela” foi sediada na cidade de Bom Jesus/PI, contextualizada na fronteira agrícola conhecida como MATOPIBA, acrônimo que indica a presença do agronegócio nas regiões do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia (SPADOTTO;

³Sobre a Rede Terra em Cena, consultar a página <http://terraemcena.blogspot.com/>. Acesso em 07 maio 2021.

⁴Para mais informações sobre o Ceicine, consultar a página <http://ceicinecoletivodecinema.blogspot.com/>. Acesso em 07 maio 2021.

COGUETO, 2019). Para ambientar a Mostra, trataremos brevemente da atuação do agronegócio e do acúmulo político organizativo do campesinato no sul do PI, envolvendo relações entre cultura e luta de classes.

A dinâmica de desenvolvimento do capital no campo a partir da exploração da terra, da água e dos minérios se traduz em um modelo político-econômico e tecnológico que tem como objetivo a maximização de lucros, a partir da produção de commodities e especulação, a que chamamos agronegócio. A lógica de reprodução do agronegócio, muitas vezes imposta sobre os territórios camponeses nos moldes de uma política pública deliberada, como é o caso do Brasil, tem produzido situações de violência e violação de direitos, tanto os da natureza quanto os dos povos e comunidades do campo que se forjaram na coevolução com os ecossistemas, ao manejá-los geração após geração na elaboração de suas agriculturas.

Essa dinâmica conflitiva capital versus trabalho se verifica no Piauí, a partir dos dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que registra anualmente o aumento do número de conflitos no campo, envolvendo agentes do agronegócio e povos das comunidades camponesas⁵.

Em resistência a tal processo, emergiu, em 2017, a Articulação de Povos Atingidos pelo MATOPIBA (APIM), congregando entidades sindicais, ONGs, grupos de jovens, pastorais e movimentos sociais na defesa dos territórios camponeses da região em sua diversidade. Desde então, uma das estratégias de luta da APIM é a construção de redes de colaboração com as universidades, na perspectiva de parcerias para produção de pesquisas, processos de extensão e abertura de espaços de ensino que fortaleçam os povos camponeses, denunciando os processos de violência e violação por eles sofridos, assim como buscando alternativas de sustentabilidade e justiça para/com os sujeitos do campo.

Neste contexto foi que a APIM, por meio da CPT regional Bom Jesus, constituiu uma parceria com o Núcleo de Agroecologia e Arte (NAGU)⁶/UFPI-CPCE e o projeto de extensão Cenas Camponesas para realização do “II Seminário MATOPIBA Perspectivas Populares”⁷, na UFPI. O processo de preparação do Seminário também contou com a

⁵ Para mais informações, consultar a página da CPT-Piauí: <https://www.cptpiaui.org.br/>. Acesso em 08 jun. 2021.

⁶ Leitores interessados nas atividades desenvolvidas pelo NAGU, consultar a página <https://www.ufpi.br/ultimas-noticias-bomjesus/35919-nucleo-de-agroecologia-e-artes-do-vale-do-gurgueia-apoia-coletivo-de-mulheres-agroecologicas-de-piripiri-em-projeto-de-comercializacao-direta-de-alimentos-agroecologicos>. Acesso em 12 maio 2021.

⁷ Mais informações sobre o Seminário na página <https://www.cptpiaui.org.br/artigo/ii-seminario-sobre-o-matopiba>. Acesso em 15 maio 2021.

participação do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento Camponês Popular (MCP), além da Articulação Piauiense de Agroecologia.

O II Seminário foi um momento de convergência entre diversas organizações de trabalhadores/as do campo, de análise da conjuntura agrária no contexto do MATOPIBA, de deliberação e organização social, objetivando incidir na política fundiária do Estado do Piauí, bem como fortalecer as lutas e identidades camponesas.

Figura 1 - Atividade no II Seminário MATOPIBA: perspectivas populares



Fonte: Dados do projeto.

Os diálogos, apresentações artísticas e as místicas⁸ do Seminário nos mostraram um repertório cultural riquíssimo dos participantes – indígenas, brejeiros, quilombolas, vazanteiros, comunidades de fundo e fecho de pasto, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, etc. –, evidenciando-os como guardiões da socioagrobiodiversidade, e também realçaram a importância dos processos formativos desenvolvidos na universidade para o fortalecimento do campesinato, destacando-se o papel do Projeto Cenas Camponesas, cujo elenco formado por educandos/as da LEdoC apresentou uma peça de teatro político sobre a grilagem digital (ou grilagem verde) de terras no MATOPIBA na abertura do Seminário, intitulada “Luta Nossa, Camponesa”.

Em nossas reflexões neste II Seminário, analisamos ainda o apagamento desse arcabouço social e artístico camponês no plano da política pública de cultura da região, direcionada para priorizar as expressões estéticas burguesas, correspondendo, dessa forma, à lógica da indústria cultural. Indústria essa que faz parte do arsenal de poder do

⁸ “No universo dos movimentos sociais, a mística é compreendida como o espírito que conduz o coletivo popular, mas também é uma linguagem nascida no interior dos movimentos sociais populares: “[...] a política vira arte e a arte ganha função política nas ações e eventos” (BOGO apud BATISTA, 2020, p. 25).

agronegócio e que intenciona, na tentativa de produção de consensos (hegemonia), cooptar o imaginário dos próprios camponeses em torno de uma experiência estética monocultural (monoculturas da mente)⁹, muitas vezes suprimindo ou descaracterizando as expressões culturais camponesas ao transformá-las em mercadorias.

Por meio da leitura crítica das nuances dessa política cultural burguesa e dos acúmulos advindos do “II Seminário MATOPIBA Perspectivas Populares” foi que cresceu a parceria do projeto de extensão Cenas Camponesas com as entidades de base do sul do Piauí. A peça sobre grilagem digital de terras foi considerada um importante dispositivo de educação popular para elucidar as formas contemporâneas de expropriação camponesa, dado o poder comunicativo da arte, e facilitar o processo organizativo popular de resistência, estimulado pela experiência de metaforização da vida que o teatro produz.

A realização da “IV Mostra Terra em Cena & na Tela” na UFPI-CPCE resultou, de um lado, do saldo positivo do II Seminário. De outro lado, os acúmulos que produzimos no contexto do Terra em Cena, no âmbito de parcerias, projetos e redes no DF e Goiás – destacadamente com o coletivo de cultura do MST, a Escola de Teatro Político e vídeo popular do DF, o Programa Escola da Terra, a Rede Terra em Cena e o Ceicine – nos ajudaram a consolidar a edição itinerante da Mostra e delinear seu propósito: gerar um espaço de intercâmbio, formação, difusão e conexão cultural, visando fortalecer as lutas dos sujeitos culturais e políticos do campesinato que resistem, no Nordeste ou no Centro-Oeste, em defesa contra-hegemônica de seus territórios, bem como ganhar espaço na cena cultural de Bom Jesus e na formação do público local.

Para dar conta desse objetivo, formamos um comitê organizador da IV Mostra coordenado, no DF e Goiás, pelo Programa de pesquisa e extensão Terra em Cena e, no Piauí, pelo projeto Cenas Camponesas/UFPI-CPCE. Em cada uma das regiões, outros sujeitos se somaram à organização da Mostra, criando novas parcerias e aproximações no contexto do evento. No comitê do Piauí, destacou-se a contribuição da CPT, do MPA e da Associação Quilombola Brejão dos Aipins, bem como do coletivo estudantil vinculado ao NAGU e à LedoC/UFPI-CPCE.

A CPT teve o papel de articulação com os coletivos camponeses de cultura, sobretudo com os grupos de jovens. O MPA organizou a participação de sujeitos vindos da região de Picos e da Brigada de Cultura Marisa Letícia. A associação quilombola responsabilizou-se pela mobilização dos grupos de cultura do Brejão e pelas conexões com o observatório quilombola do Piauí. Os coletivos estudantis ficaram responsáveis por planejar e executar a organização logística da Mostra, os processos de acolhimento das

⁹ O conceito de monoculturas da mente é proposto por Shiva (2003).

caravanas que chegavam de outras regiões do Piauí, DF e Goiás, o processo de divulgação, bem como de articular com as escolas públicas e comunidades do campo para participarem deste evento.

A coordenação geral responsabilizou-se pelos diálogos políticos com a UFPI-CPCE, com a Secretaria de Educação de Bom Jesus e municípios vizinhos, com a Secretaria Estadual de Cultura, com a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Piauí (ADUFPI) e a LEdoC/UFPI-CPCE, buscando compor as condições para a objetivação da Mostra. No comitê DF-GO, a tarefa foi participar da definição da programação, da auto-organização das caravanas, da mobilização dos Grupos da Rede Terra em Cena, do Ceicine, assim como definir colaborações nos processos formativos do evento.

Por meio do diálogo plural entre todas as equipes, definimos datas, delineamos a programação, criamos os métodos de realização da Mostra e pensamos linhas gerais para constituição da identidade visual do evento, sempre conectados com o histórico e os objetivos das três Mostras anteriores. Após várias reuniões, chegamos ao formato final do evento, que foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPI em cooperação com a UnB.

Nos três dias do mês de maio de 2019 em que a Mostra ocorreu, o campus da UFPI-CPCE e a cidade de Bom Jesus/PI foram o palco de uma dinâmica cultural absolutamente rica, pulsante e contraditória com as práticas culturais dominantes localmente. Quatrocentas pessoas participaram do evento vindas de municípios vizinhos a Bom Jesus, das cidades de Picos, de Teresina, mas também do Goiás e DF, compondo um público diverso, formado também por estudantes e professores do ensino básico do campo e da universidade, lideranças de movimentos sociais, coletivos de arte.

A delegação do DF e Goiás estava composta pelo grupo Vozes do Sertão Lutando Por Transformação (VSLT), que apresentou a peça “Se há tanta riqueza por que somos pobres?”, que trata sobre a mineração no Cerrado, o “Arte Kalunga Matec”, da comunidade Engenho II do quilombo Kalunga, em Cavalcante/GO, e o elenco da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal. Adirley Queirós e Joana Pimenta, cineastas, e a documentarista Dácia Ibiapina, do Ceicine, também estavam no grupo e contribuíram com a apresentação de filmes premiados em diversos festivais: “A cidade é uma só?”, de Adirley Queirós, e “Carneiro de Ouro”, de Dácia Ibiapina. A produção de Dácia aborda o trabalho dos cineastas da cidade de Picos (PI), em particular a obra de Dedé Rodrigues, o qual também esteve presente no evento, exibindo o filme “O sanfoneiro que tocou no inferno”¹⁰.

¹⁰ Para assistir a esse filme na íntegra, consultar a página https://www.youtube.com/watch?v=GBOLzV_DEo8&t=1499s. Acesso em 13 maio 2021.

Dedé e toda sua equipe integraram a caravana de Picos (leste do Piauí), a qual foi composta também pela Brigada de Cultura do MPA, que apresentou uma peça de teatro de agitação e propaganda sobre a reforma da previdência.

De Teresina, mais ao norte do Estado, vieram a banda de pife Cajú Pinga Fogo e a professora Pâmela Peregrino (UFSB), que se conectou ao evento por meio de parceria de longa data, tecida com o MPA. A professora Pâmela se somou ao grupo de oficinairos ligados ao teatro composto também por Lívian Sena (Cia Burlesca e ETPVP-DF) e Rafael Villas Bôas (UnB).

As oficinas de vídeo ficaram a cargo das equipes do Ceicine, Dedé Produções e do músico e videomaker Javé Uchoa. A professora Pâmela atuou ainda, junto com o professor Rafael Villas Bôas, como palestrante do seminário de abertura da mostra, denominado “Arte, política e direitos humanos”, segundo o qual foram traçadas as diretrizes para a realização do evento e seus futuros desdobramentos.

Do extremo sul do Piauí saiu outra caravana com as juventudes indígenas e camponesas da região de Gilbués e Santa Filomena ligadas à CPT, que apresentaram seus documentários sobre as situações de conflito com o agronegócio, tema também presente na revista da CPT lançada no evento. No trajeto até Bom Jesus, se somou à caravana o grupo de capoeira e maculelê do Quilombo Brejão dos Aipins, o qual se apresentou na mostra, bem como o grupo teatral da escola do campo de Corrente dos Matões, que entrou em cena na Mostra para tratar do problema da grilagem de terras na região e formas de ameaça e cooptação dos camponeses por latifundiários.

Do próprio município de Bom Jesus apresentou-se, na IV Mostra, o Coletivo Cenas Camponesas, com a peça Fazendeiros e Posseiros¹¹, preparada especialmente para a ocasião a partir da livre adaptação da peça homônima do grupo Filhos da Mãe Terra (MST), tendo como base a peça didática de Brecht, “Horácios e Curiácios”. A segunda peça do repertório do grupo abordou o confronto entre os modos de produção camponês e do agronegócio no campo brasileiro.

¹¹ Sobre a peça, consultar o blog <https://coletivocenascamponesas.blogspot.com>. Acesso em 11 jun. 2021.

Figura 2 - Membros do grupo Cenas Camponesas atuando na IV Mostra



Fonte: Dados do projeto.

Para acolher todos os participantes da IV Mostra em Bom Jesus, havia alojamentos organizados em salas do NAGU, na UFPI-CPCE, na casa de apoio do Centro Cultural “Mestre Joaquim Carlota”, e em hotéis da cidade. Cafés e lanches foram organizados e preparados pelos membros das caravanas e equipe NAGU a partir de alimentos trazidos das roças, pomares e quintais camponeses, o que conferia cor e sabor especiais às mesas. A manutenção dos espaços de hospedagem também foi de autorresponsabilidade dos grupos.

Os diálogos acerca dos filmes exibidos no Teatro Alard e na praça central de Bom Jesus (cenário de apresentação do filme “Sertão Velho Cerrado”) foram mediados com apoio de professores da LEdoC-UFPI/CPCE, do NAGU e do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre as Comunidades Camponesas (NUPPESC)-UFPI/CPCE, e registrados pela equipe organizadora da Mostra, a qual também ficou responsável pelas místicas e animação da noite cultural, realizada ao som da música popular de pífanos, platinelas e chinelas da banda Cajú Pinga Fogo.

Figura 3 - Participantes da IV Mostra em oficina na UFPI/CPCE



Fonte: Acervo da equipe organizadora.

Os presentes também ressaltaram que levar a público, no contexto de Bom Jesus/PI, as expressões camponesas como denúncia e anúncio de um povo que resiste ao agronegócio é uma estratégia relevante para o fortalecimento dos povos e comunidades do campo localizadas no sul do Piauí. A exibição do filme “Sertão Velho Cerrado” em praça pública foi um marco no sentido de instaurar, não sem tensões, o espaço para o contraditório no plano dos discursos de análises do agronegócio versus agricultura camponesa.

Ao mesmo tempo, o processo de auto-organização foi avaliado em dois sentidos: o dos efeitos agregadores e educativos do trabalho coletivo, mas também o desafio que é realizá-lo, envolvendo conflito e o exercício de diálogo. O grau de dificuldade no processo de organização do evento em rede foi realçado, dadas as condições de acesso ao sul do Piauí.

Após a Mostra, como resultado do processo de animação cultural instaurado, os grupos teatrais trocaram cartas entre si e com as coordenações do Terra em Cena e do Cenas Camponesas, visando aprimorar esteticamente seu trabalho, tornando-o mais potente como um ato de educação popular para elencos e público.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências construídas durante a IV Mostra, ambientada no contexto mais amplo do trabalho de base do Terra em Cena e do Cenas Camponesas (VILLAS BÔAS; PEREIRA, 2019), nos levaram a importantes aprendizagens acerca dos desafios e possibilidades que envolvem: a formação dos grupos artísticos e do público, o amadurecimento da Rede Terra em Cena, o papel da arte no fortalecimento das lutas e territórios camponeses, bem como a formação de educadores/as do campo.

A formação desenvolvida durante a Mostra – no seminário de abertura, nas oficinas e debate com os diretores – completou o caráter formativo das próprias peças teatrais e filmes exibidos, bem como posicionou o evento como uma práxis contextualizada no enfrentamento ao neofascismo que avançava na condução política do país naquele momento e que, atualmente, atinge seu auge.

Uma das questões centrais apontadas no seminário de abertura “Arte, Educação e Direitos Humanos”, que traçou as diretrizes para o evento e para a atuação futura da Rede Terra em Cena, foi que o esforço artístico dos coletivos da Rede deveria convergir para dois aspectos indissociáveis: o do conteúdo, trazendo para a produção artística abordagens temáticas que ajudassem a elucidar a conjuntura nacional, no que tange ao desmonte da democracia por governos neofacistas, bem como os efeitos deletérios de

suas necropolíticas sob a estrutura de direitos do povo. E o aspecto da forma, transfigurando a análise política em potência poética, para ampliar o alcance do estudo e da historicidade dos conteúdos abordados. Além disso, ficou sinalizado que o sentido transformador da arte só pode emergir da articulação dos coletivos de teatro com os movimentos de base popular e com o protagonismo dos próprios camponeses na cena, sejam eles/as licenciandos/as da educação do campo ou não.

Nas oficinas, houve a preocupação de promover a reflexão e a análise sobre as formas hegemônicas de representação da realidade, mas também de desconstruí-las, compartilhando exercícios e métodos de elaboração contra-hegemônica de representação, seja por meio do teatro ou do audiovisual. Nesse sentido, a formação estética e política foi combinada ao exercício criativo de experimentos cênicos, fundamental para elucidar a unidade dialética entre forma estética e forma social nas linguagens artísticas (CORRÊA *et al.*, 2011).

Outro resultado da Mostra foi o compromisso com a evidenciação de obras que, de um lado, confrontam os padrões de representação burgueses – em seu processo, conteúdo e resultado estético – e, de outro, mobilizam a plateia para uma espécie de sensibilidade humanista, convocando-a a perceber que a resistência à barbárie não só é possível como é necessária. Com essas diretrizes, deram-se as exposições de filmes e peças teatrais, tendo a classe trabalhadora em seu exercício de autogestão e de disputa cultural de representação da realidade.

Quanto ao audiovisual, os documentários exibidos focalizaram as lutas e resistências dos povos do campo, das florestas e das águas pelo direito a viver na/da terra e coevoluir com a natureza (perspectiva agroecológica). O debate com os realizadores mostrou que os coletivos de audiovisual vivem o desafio diário da apropriação tecnológica, atuando, muitas vezes, com recursos precários e escassos, a despeito dos discursos que pautam o acesso às tecnologias de informação e comunicação (TICs) como um fato amplo e acima das desigualdades de classe. Ao mesmo tempo, são grupos que se propõem a produzir seus filmes a partir de uma estrutura horizontal de trabalho, que favorece e torna mais criativa a busca por alternativas narrativas. Diferentemente dos processos mercantis do audiovisual, marcado pela fragmentação hierárquica do trabalho, tais grupos do trabalho apostam em interações horizontais e solidárias, constituindo um processo de produção coletiva que se reflete em suas criações narrativas.

Tanto no audiovisual como no teatro, essa relação dialética entre forma-conteúdo e modo de produção e a necessidade de um espírito autogestionário entre os grupos se mostrou uma força político-cultural da Mostra. Na peça teatral “Fazendeiros e Posseiros”, o Coletivo Cenas Camponesas trouxe à cena um projeto de pesquisa e extensão de grande

complexidade, elucidando as relações entre o ciclo de ditaduras latino-americanas da década de 1960 e a Revolução Verde, com o modelo do agronegócio que marca atualmente a realidade do MATOPIBA.

Figura 4 - Atrizes e ator do Grupo Teatral Cenas Camponesas atuando na IV Mostra



Fonte: Acervo da equipe organizadora.

Em “Se temos tanta riqueza por que somos pobres?”, o Vozes do Sertão Lutando Por Transformação (VSLT) apresentou uma narração fundamentada em elementos musicais e corporais, trazendo à tona as raízes histórico-estéticas afrodescendentes que se aproximam da identidade do grupo. Fazendo uso de uma estrutura rítmica cadenciada pelo atabaque e a poesia drummondiana, o Vozes fomentou uma atmosfera político-poética capaz de dialogar com o público, principalmente ao adotar, outrossim, os recursos do teatro tribunal. O ápice dessa experiência teatral se deu quando o elenco desce do palco, se misturando com a plateia a fim de debater os rumos da mineração na região da Chapada dos Veadeiros.

A peça do MPA, que abordou a Reforma da Previdência a partir da estrutura formal do Teatro de Agitprop, desenvolveu-se por meio de uma coreografia e coro bem demarcado, levando em consideração as condições materiais e objetivas pertencentes ao teatro feito na rua e para o povo. Essa experiência teatral evidenciou a potência do teatro político, podendo ser uma das alternativas para formação de grupos nas comunidades, organizações coletivas, escolas, ampliando as possibilidades de auto representação construídas pela classe trabalhadora.

As reflexões e sensações mobilizadas no público e elencos participantes dessas experiências teatrais, assim como da exibição dos vídeos, foram dialogadas e ampliadas no espaço das oficinas da carpintaria da cena e do audiovisual. “Teatro do Oprimido: ênfase na coringagem”, “Teatro Épico: foco no coro”, “Teatro de Agitação e Propaganda e Arte Popular”, “Uso do celular para a elaboração de documentários” e “A produção cinematográfica contra-hegemônica” foram temas abordados nas oficinas, favorecendo

que os coletivos e movimentos envolvidos na Mostra se apropriassem um pouco mais dos meios de produção artísticos como armas indispensáveis na luta cultural contra a barbárie, contra os modelos de desenvolvimento capitalista do campo (agronegócio).

O processo de circulação das peças, seguido de debates e oficinas oferecidas por grupos mais experientes da Rede Terra em Cena, apresentou-se como uma estratégia fundamental de fortalecimento dos grupos artísticos mais jovens que, além de ampliarem seu repertório formal de trabalho para além das referências burguesas de representação, também se deparam como métodos de articulação do fazer artístico com o fazer político de base.

Entre as lições aprendidas com a IV Mostra, ficou claro, para nós, que quando o grupo de teatro deixa de colocar sua peça como uma narrativa fechada em si, buscando ativamente por conexões com os movimentos sociais para inserir as expressões artísticas em seus espaços de luta (seminários, marchas, encontros), saindo da passividade de quem espera um convite para se apresentar, há um salto qualitativo no próprio grupo, em seu sentido de pertencimento e na própria qualificação do trabalho artístico, mostrando que o envolvimento organizativo com os movimentos e com a luta é tão importante quanto a criação artística que aborda essa luta.

Então, quando o grupo deixa de encarar o seu trabalho como uma peça teatral encerrada nela mesma, aguardando por um convite para se apresentar, ele sai da condição passiva e passa tecer articulações com diversos movimentos sociais e segmentos de trabalhadores organizados, atuando no processo de organização de encontros, cursos, seminários e lutas com esses sujeitos coletivos. Essa dinâmica imprime vigor e sentido inclusive para o trabalho de criação artística.

Nesse processo, muito nítido com as contribuições da Brigada do MPA na Mostra, o grupo se forma politicamente, percebendo que a tarefa na frente organizativa é tão importante quanto o ensaio e a construção artística, mas também enriquece seu repertório expressivo, aprendendo que há formas teatrais que permitem a participação de artistas na ação direta, como o Agitprop.

Fruto dessa aprendizagem na Mostra, por exemplo, o Cenas Camponesas passou a contribuir com seu trabalho junto à Rede Piauiense de Agroecologia (ArRepia), por exemplo, durante uma audiência pública contra os usos e abusos de agrotóxicos no Piauí, convocada pelos setores camponeses agroecológicos na cidade de Uruçuí-PI¹². Neste contexto, o Cenas realizou uma intervenção teatral que tomou a questão dos agrotóxicos

¹² Para maiores informações, consultar a página da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Piauí (FETAG-PI): <https://www.fetagpi.org.br/index.php/noticias/item/433-fetag-pi-participa-de-audiencia-publica-em-urucui-sobre-uso-de-agrotoxicos-no-cerrado-piauiense>. Acesso em 14 maio 2021.

como matéria social da elaboração cênica, informando a plateia sobre a problemática dos agrotóxicos como arma química contra os trabalhadores do campo e da cidade (via alimentos e águas contaminadas).

Esta e outras experiências de articulação de base popular evidenciam que os coletivos de arte podem constituir-se como força política dentro de suas regiões, junto às comunidades camponesas, movimentos e sindicatos. Tal possibilidade, no entanto, não surge a priori, não é uma consequência direta da existência de um grupo teatral ou de cinema. Há que existir uma busca deliberada por metodologias de trabalho adequadas a esta finalidade.

Além disso, as experiências dos coletivos artísticos participantes da Mostra revelaram o quão importante são as conexões e redes com os movimentos sociais e com as comunidades para a própria ampliação do repertório dos grupos, os quais, uma vez que optam por integrar seu trabalho no processo de luta social, devem criar com a mesma urgência e abrangência que a dinâmica desta luta impõe. Essa agilidade ajuda a manter o grupo coeso, motivado e instigado, tornando-o versátil e sempre envolvido com processos de circulação com outros sujeitos. São produzidas, assim, novas redes de animação artístico-políticas, o contato com novos públicos e formas críticas de compreender a realidade.

Este foi o caso do Coletivo Cenas Camponesas que, na ocasião da Mostra, estreitou vínculos com o grupo teatral da escola do campo¹³ localizada na comunidade Corrente dos Matões (sul do Estado piauiense), passando a apoiá-lo em processos formativos posteriores ligados à defesa do direito à terra dessa comunidade. A participação desta e de outras escolas do campo, motivada a partir de trabalhos prévios da LedoC com as escolas, nos ensinou que este aparelho público de educação básica pode ser um espaço potente para se produzir e circular a criação artística.

Esta relação entre universidade (LedoC)-escola fortalece a perspectiva da educação do campo¹⁴, sobretudo no que diz respeito à cultura política como princípio educativo, elucidando a arte como forma de conhecimento da realidade e não como um

¹³ De acordo com o Decreto nº 7.352/2010, a escola do campo pode ser definida como “aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo” (BRASIL, 2012, p. 81).

¹⁴ Caldart nos auxilia nessa discussão em torno dos princípios que norteiam a educação do campo: “A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana” (2012, p. 259, grifos da autora).

elemento de entretenimento ou, tal como é frequente no ambiente escolar reificado, uma forma de ilustração de datas comemorativas e conteúdos científicos. Ademais, do ponto de vista dos impactos na formação dos licenciandos da LedoC e do Cenas, a relação com as escolas no âmbito da Mostra evidenciou que as linguagens artísticas, incorporadas ao fazer educativo desde uma perspectiva político-popular participativa, ajudam a escola a aproximar-se da comunidade e fortificam o espaço escolar enquanto campo de representação contra-hegemônica e defesa de direitos.

Entre as aprendizagens constituídas durante a Mostra, ficou evidente que a arte pode ser um dos elementos de articulação dos sujeitos do campo e da cidade, sejam do Nordeste ou do Centro-Oeste, e que em contextos de tensionamento social, como em outros diversos momentos da vida social de um país, abrir espaço para essa rede de trabalhadoras/es por meio da fruição artística significa reposicionar a imaginação, a partilha e a solidariedade como elementos de resistência.

O leque de relações na Rede Terra em Cena, vivenciado nos processos de autogestão da mostra, criou amparo para os coletivos artísticos, ao mesmo tempo que a possibilidade do público vivenciar um momento de suspensão do cotidiano pelas mediações teatrais e cinematográficas também se elabora como uma espécie de amparo biopsíquico, já que a forma artística ajuda a dar ordem para as emoções e profundidade para a educação do ser em seu vigor imaginativo. E este distanciamento mediado do cotidiano, ainda que ao direcionar o olhar para as problemáticas da vida diária, é essencial para a reinserção cotidiana a partir de um novo olhar.

A avaliação do evento foi o momento de coroação do processo. Os grupos presentes destacaram a qualidade dos espaços formativos como ingrediente de ampliação de seus repertórios artístico-culturais e políticos. Os vínculos, redes e parcerias fortalecidas na Mostra, as oportunidades de fruição artística e a compreensão da questão agrária em suas mais diversas nuances (mineração, grilagem, agroecologia, políticas públicas), bem como a mobilização e reorganização de emoções e ampliação do repertório estético, também foram elementos sublinhados como positivos nesse processo avaliativo.

Por fim, destacamos que o método de construção da Mostra contribuiu para dar suporte aos grupos participantes em sua autoconfiança na realização de denúncias quanto aos efeitos regressivos do agronegócio sobre as socioagrobiodiversidades. Podemos dizer que o processo de organização e realização do evento, e sobretudo as conexões por ele proporcionadas, ajudou os coletivos do Piauí a superarem o medo de sofrerem algum tipo de retaliação tipicamente presentes no campo das disputas de narrativas e poder envolvendo o agronegócio. Ainda em relação ao método, o caráter de autogestão exigido dos coletivos, fortemente compostos por licenciandos da educação do campo, impactou

positivamente a formação desses futuros professores, realçando a capacidade que os estudantes e professores adquirem, em termos de criação de processos pedagógicos dialógicos e críticos, quando auto-organizados.

A ocupação da UFPI-CPCE, do teatro Alard e da praça pública da cidade epicentro do agronegócio no Piauí com exibição de filmes, apresentações teatrais, debates, seminários e banquetes registrou, na memória social local, o campesinato como protagonista. Os corpos de trabalhadores/as postos em cena com seus ritmos, falas, cenários roceiros, acompanhados por canções, elucidando conflitos e convergências, produziram uma fissura no imaginário social do público de Bom Jesus e região.

Aproximando trabalhadores do campo e da cidade, a IV Mostra trouxe à tona e didatizou a luta de classes que a indústria cultural e o agronegócio tentam ocultar, colocando os sentidos e a racionalidade das pessoas participantes em contato com as contradições da questão agrária, com a percepção dos povos e comunidades do campo como guardiões da vida, evidenciando a relevância de suas organizações e lutas sociopolíticas. Nesse sentido, vivemos três dias de entrelaçamento entre a educação e consciência omnilaterais na construção de uma práxis de educação popular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da Mostra evidenciou a arte como um campo da práxis fundamental no processo de formação do ser e de defesa dos direitos humanos, incluindo, entre eles, os sujeitos camponeses e suas organizações. Ficou explícita, também, a força que as atividades autogestionadas têm quando estão em favor da luta dos povos do campo, buscando romper com a opressão e fortalecendo o processo de formação dos licenciandos do campo.

O evento marcou a história dos eventos na instituição UFPI-CPCE, deixando evidente que a participação das escolas do campo, bem como de comunidades circunvizinhas, fortaleceu o vínculo entre a universidade (saber científico) e grupos sociais que atuam na região em que ocorreu o evento, o que revela o diálogo com o saber popular. Além disso, a Mostra contribuiu com a fortificação das relações existentes entre os grupos e os sujeitos sociais que fazem parte da Rede Terra em Cena, fomentando o surgimento de novas parcerias.

A Mostra, por meio dos debates e das peças teatrais que exibiu, serviu para explicitar as contradições da realidade, pautando as lutas dos povos oprimidos e fazendo análises gerais da conjuntura política do país. Também proporcionou ao público a

capacidade de buscar dentro de si a própria humanidade, a partir da sensibilização do imaginário, provocada pelas reflexões trazidas durante as apresentações.

As experiências estético-artísticas elucidadas na Mostra deram uma dimensão clara do potencial político da arte no processo de resistência dos povos do campo em defesa de seus territórios. Essas experiências acabam atuando para o alcance de dois principais objetivos que são intrínsecos da arte: de um lado, o fato de ela poder ser usada como uma arma em defesa dos direitos dos oprimidos, de outro, o favorecimento para o próprio acesso da arte como um direito (CANDIDO, 1995).

O contato entre os diversos grupos que participaram do evento foi bastante relevante para expandir o repertório de discussões a respeito das problemáticas dos sujeitos. Do mesmo modo, serviu para ampliar o conhecimento dos grupos que se autoavaliaram através das sugestões das cartas trocadas entre os coletivos.

Tratando do tema da questão agrária na região sul do estado piauiense, onde se concentra um alto número de conflitos decorrentes do agronegócio, foi fundamental o debate e as peças da Mostra, proporcionando a muitos dos sujeitos ali presentes que enxergassem as ideologias ocultas ou ideologias opressoras que são características desse modelo de desenvolvimento no campo.

Esse processo de formação, informação e organização traz outras perspectivas de ações para as comunidades na região, especialmente as que são diretamente afetadas pelos problemas ligados aos conflitos por terra. Nesse sentido, o evento se consolidou como um espaço de construção de novos olhares sobre a realidade do MATOPIBA, favorecendo as lutas camponesas e abrindo espaço para que outros debates como esses sejam cultivados cada vez mais.

Também se pode estabelecer e explorar as narrativas contra-hegemônicas, função central nos processos de construção e atuação com o teatro político que, por sua vez, se difere do que se estabelece nas formas teatrais burguesas – alienação e opressão. E, como foram partilhadas algumas das ferramentas artísticas com os sujeitos sociais do campo que participaram do evento, a partir dos processos de criação de vídeos e documentários nas oficinas de audiovisual, bem como nas oficinas de teatro do oprimido, isso representa um importante passo rumo à socialização de produções teatrais e a suas respectivas multiplicações. Para a formação de educadores/as do campo, o processo da mostra realçou o papel da arte-política na consolidação das matrizes educativas da luta, da terra e da história, bem como dos princípios educativos da cultura, da auto-organização e da agroecologia.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ozaias Antônio. Diálogo com imagens no contexto do ensino. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 25, n. 2, p. 19-28, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: SECADI, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Expressão Popular, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CORRÊA, Ana Laura *et al.* Estética e Educação do Campo: movimentos formativos na área de habilitação em Linguagens da LEdoC. *In*: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão (Orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir de experiências piloto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 179-210.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SPADOTTO, Bruno Rezende; COGUETO, Jaqueline Vigo. Avanço do agronegócio nos cerrados do Piauí: horizontalidades e verticalidades na relação entre o ambientalismo dos pobres e o controle de terras pelo capital financeiro. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 47, p. 202-229, 2019.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; PEREIRA, Kelci Anne. Formação estética e organização social. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, Fortaleza, v. 9, n. 23, p. 63-93, 2019.

Os autores declaram participação na autoria conforme a Taxonomia CRediT da Casari (vide <https://casrai.org/>)

Conceituação	Metodologia	Software	Validação	Análise formal	Investigação	Recursos
[1]/[2]	[1]/[2]			[1]/[2]	[1]/[2]	
Curadoria	Primeira redação	Revisão/edição	Visualização	Supervisão	Admin. projeto	Financiamento
	[1]/[2]	[1]/[2]				